

Intervenção – 80 Anos da FSM: Sindicalismo Classista (1945-2025)

Palestrante: Carlos Muller – CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil)

Caros camaradas,

Permitam-me iniciar saudando a liderança da Federação Sindical Mundial. Expresso meus cordiais cumprimentos ao camarada Pambis Kyritsis, Secretário-Geral da FSM, e ao camarada Mzwandile Michael Makwayiba, Presidente da nossa histórica organização.

Em nome do Presidente da CTB, Adilson Araújo, trago calorosas saudações e profundo respeito à FSM pelos seus 80 anos de luta incansável ao lado da classe trabalhadora.

Este aniversário não é apenas uma homenagem à história – é um chamado à ação. O capitalismo continua a gerar guerras, desigualdade e colapso ambiental. Mas a resistência está crescendo. Trabalhadores, movimentos sociais e nações soberanas estão se levantando contra a dominação neoliberal e exigindo uma ordem multipolar e democrática.

A FSM desempenha um papel de liderança na denúncia de medidas coercitivas unilaterais – as chamadas “sanções econômicas” – usadas por potências imperialistas para punir países como Cuba, Venezuela, Irã, Zimbábue e, mais recentemente e brutalmente, o povo de Gaza. Essas não são ferramentas da democracia; são atos de guerra econômica que devem ser rejeitados.

No Brasil, mesmo sob um governo progressista como o de Lula, o capital continua dominante no Congresso. Os mercados financeiros e o agronegócio continuam a impulsionar privatizações e ataques aos direitos trabalhistas. Mas nós resistimos – com unidade, organização e uma clara perspectiva de classe.

É por isso que a CTB se alinha à plataforma da FSM:

- Contra a guerra, o racismo e a ocupação colonial;
- Pelo controle dos trabalhadores sobre os recursos e políticas nacionais;
- Pela soberania alimentar, igualdade de gênero e justiça climática;
- E pela solidariedade internacional entre os povos.

Nessa luta, o bloco BRICS oferece potencial para construir um contrapeso ao domínio do G7. Não é inerentemente progressista, mas pode criar espaço para relações globais mais equilibradas. Nós, como sindicalistas, devemos garantir que este espaço seja preenchido com as vozes dos trabalhadores, defendendo os direitos trabalhistas, a justiça social e a soberania popular.

Camaradas,

Oitenta anos da FSM significam oitenta anos de luta de classes e internacionalismo. Renovemos nosso compromisso com este caminho – com maior clareza, unidade e força.

Viva a FSM!

Viva a classe trabalhadora!